

O PONTILHISMO APLICADO COMO TATUAGEM E FORMA DE ARTE.¹

Marllon San Rocha²
Luiza Scapinello Broch³

RESUMO: Este artigo busca descrever e analisar o pontilhismo como forma de arte aplicado em tatuagens nos tempos atuais. Através de um resgate bibliográfico, será realizada uma breve análise das técnicas usadas no movimento impressionista, do qual serão citados artistas como Claude Monet, Edgar Degas, Pierre August Renoir, entre outros. Também será descrito o movimento pós-impressionista e seus principais artistas e a técnica de pontilhismo desenvolvida por Georges Seurat, do qual, poderá se notar tal semelhança no pontilhismo de Seurat, nos estudos aplicados por Betty Edwards em seu livro **Desenhando com Lado Direito do Cérebro** e nas tatuagens *dotwork* aplicadas na atualidade. Por meio de entrevistas publicadas em revistas, é apresentada a visão de diferentes tatuadores, referente ao pontilhismo, suas técnicas, sua ascensão no universo das tatuagens e sua tendência, em que poderá se notar suas diversas formas de aplicação, o qual pontilhismo poderá ser executado em diferentes estilos de desenhos com traços e linhas, sendo que sua composição de luz e sombra é composta apenas por pontos, proporcionando um efeito totalmente diferente à tatuagem.

PALAVRAS-CHAVE: Pontilhismo. Arte. Tatuagem. *Dotwork*.

ABSTRACT: This article aims to describe and analyze pointillism as a form of art applied to tattoos in modern times. Through a bibliographical rescue will be realized a brief analysis of the techniques used in the impressionist movement which are mentioned artists like Claude Monet, Edgar Degas, Pierre August Renoir, among others. Will also be described the post-impressionist movement and its main artists and techniques of pointillism developed by Georges Seurat, of which, it can be noticed such similarity in the pointillism of Seurat, in the studies applied by Betty Edwards in her book **Drawing with Right Side of the Brain** and in dotwork tattoos applied nowadays. Through interviews published in magazines, it is presented the vision of different tattoo artists, referring to the pointillism, its techniques, its rise in the universe of the tattoos and its trends, of which one will can notice its diverse forms of application of the same, of which pointillism can be executed to different styles of drawings with strokes and lines, where its composition of light and shadow is composed only by points giving a totally different effect to the tattoo.

KEY-WORDS: Pontillism. Art. Tattoo. Dotwork.

¹ Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda, do Centro Universitário FAG, ano de 2017.

² Acadêmico do 8º período do curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda do Centro Universitário FAG. marllon.rocha@gmail.com

³ Luiza Scapinello Broch luizasb@fag.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Originado na França, no século XIX, o pontilhismo é um método de pintura desenvolvido por Georges Seurat, que consiste em criar imagens usando pequenos pontos que formam, por justaposição, imagens aos olhos de quem vê. Entretanto, a técnica de pontilhismo de Seurat parte do preceito do completo desprendimento do uso de traços em suas obras, desse modo, delimitando as características dos objetos a serem retratados. O artista dá vida a sua técnica através da aplicação científica e matemática das cores, ordenadas de forma sobreposta no quadro e não por meio de misturas. Essa técnica de pintura se difere dos métodos clássicos nos quais a representação da realidade é destacada de forma totalmente diferente.

Já o pontilhismo, aplicado em tatuagens, mais conhecido como *dotwork*, parte do mesmo conceito de Seurat, através da justaposição de cores. Porém, na atualidade esse processo se difunde com diferentes estilos e técnicas de tatuagens, sendo que não se exclui o uso das linhas e traços e as cores geralmente são reduzidas à preta e branca, trabalhando tal contraste entre elas, para assim atingir tonalidades de cinza, com a qual se nota um certo volume e um efeito óptico de luz e sombra que se formam através da retina do observador.

A fundamentação desta pesquisa é pautada por uma varredura histórica, o estudo bibliográfico resgata o período impressionista, divisionista e uma breve biografia sobre o pintor pós-impressionista Georges Seurat e sua técnica pontilhistas. Dessa forma, são descritos os fatos, apontando como o pontilhismo teve e tem sua importância como forma de arte no mundo das tatuagens, indicando também qual é o seu processamento técnico e histórico.

O estudo tem como base a pesquisa exploratória, da qual se pode contextualizar a história com a atualidade. Entretanto, a temática é carente de referências no que tange o cenário urbano das tatuagens, por esse motivo, foi realizado um levantamento teórico na pesquisa bibliográfica, utilizando de fontes primárias, reunindo o máximo de informações possíveis sobre o tema em artigos, livros e matérias em revistas. Dessa forma, é possível abordar o método de ensino aplicado por Betty Edwards em seu livro **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro** e notar as semelhanças entre a técnica de pintura de Seurat, os estudos de Edwards e o pontilhismo aplicado em tatuagens na atualidade.

A relevância desse estudo se dá por apresentar a ilustradores, desenhistas, tatuadores, entre outros profissionais que iniciam sua carreira com foco no pontilhismo, a real importância dessa técnica aplicada como forma de arte metódica na atualidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O IMPRESSIONISMO

O mundo no século XIX passava por grandes transformações, a ascensão do sistema capitalista e da industrialização traziam uma nova concepção materialista para o mundo, as máquinas começavam a se movimentar com energias extraídas de fontes inanimadas, substituindo gradativamente o trabalho que até então, era feito por homens e animais. “O trabalho manual cedia espaço à produção mecânica, a oficina cedia passo à fábrica” (GOMBRICH, 2006 p. 544). O berço do movimento impressionista foi em um país industrial. Em pouco tempo, Paris era considerada uma das cidades mais urbanas da Europa e com a chegada das indústrias, os moradores do campo migraram para a cidade em busca de emprego e melhores condições de vida. (GOMBRICH, 2006).

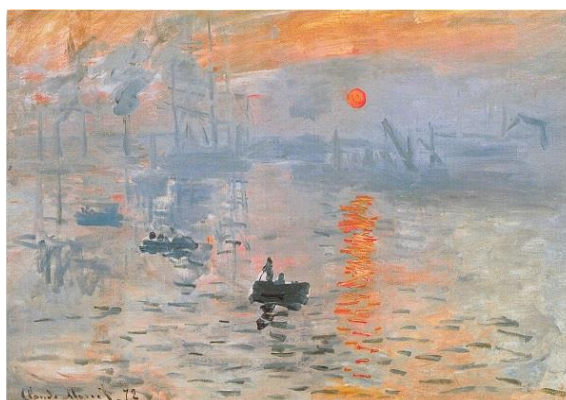
Modernidade foi a expressão cultural adotada pela sociedade industrial do século XIX, a qual ofereceu ao movimento impressionista a possibilidade de se envolver com a sociedade, a cultura, a ciência e a tecnologia de sua época, em outras palavras, o movimento impressionista pode ser definido como o primeiro movimento moderno, devido a sua articulação como a época em que a economia capitalista industrial, o urbanismo, a ciência e a técnica, começaram a adquirir um papel hegemônico na sociedade. Segundo Proença (2008), o século XIX estava passando por grandes mudanças, decorrentes da revolução industrial e da revolução francesa que ocorreram no fim do século XVIII, mudanças das quais refletiam diretamente na arte, tornando-a mais complexa e dando lugar a vários movimentos artísticos, pois enquanto os artistas neo-clássicos se submetiam às regras das academias, outros buscavam libertar-se delas e expressar livremente seus sentimentos e sua imaginação. (PROENÇA, 2008).

O impressionismo surgiu a partir da insatisfação de um grupo de artistas, com as regras estabelecidas pela arte produzida na França no século XIX, regras que para tais artistas da época seriam absurdas. A academia esperava dos artistas obras baseadas em mitologia, iconografia religiosa ou na antiguidade clássica, mas para os impressionistas, havia apenas um desejo, “de deixar seus ateliês e ir para fora afim de documentar o mundo moderno a sua volta” (GOMPERTZ, 2015 p. 33). Algumas das regras impostas para a pintura, segundo a Academia de Belas Artes, ditavam que as cores deveriam ser as mais frias e conservadoras possíveis, as composições não poderiam conter pinceladas vertiginosas espessas de tinta e nunca um quadro poderia ser pintado ao ar livre, regras que rapidamente foram quebradas

pelos impressionistas, “artistas dos quais foram considerados de fato subversivos e anárquicos pela sociedade parisiense”(GOMPERTZ, 2015 p. 33). Alguns dos nomes que fizeram parte do movimento foram, Edgar Degas, Édouard Manet, Claude Monet, Pierre-August Renoir e Camille Pissarro. (GOMPERTZ, 2015).

No século XIX, o que estava em jogo era a representação da realidade nas pinturas e um artista realista - Gustave Courbet - representava o mundo do trabalho de maneira real e concreta, mostrando essa realidade como ela era, “[...] ele expôs **Os Quebradores de Pedra**, a primeira tela que exprime plenamente o seu realismo programático (JANSON, 2001, p. 887).” Para discutir com esse conceito de realidade, eis que surge uma nova escola, a escola impressionista. O primeiro pintor dessa nova escola foi Claude Monet, que em 1869, lançou a sua obra chamada *Impression, Soleil Levant*, (Figura 1). Uma pintura que trata de uma paisagem, mas a sua real intenção com a obra era fazer com que o observador percebesse que seu objetivo não era reproduzir o real, como faziam os artistas da época ou como era aplicada a técnica da fotografia, a sua intenção era transmitir ao observador certas sensações ou certas impressões que o quadro poderia provocar. (GOMPERTZ, 2015).

Figura 1 – Impression, Soleil Levant de Claude Monet



Fonte: Lautréamont, A. 2016.

Se Monet se caracterizava por ser um pintor de paisagens, existiu também um impressionismo voltado para a representação do humano, que é o caso de Pierre-August Renoir, que em uma obra dele chamada de *Le Moulin de la Galette*, (Figura 2), o artista representa a movimentação de pessoas, essa é uma obra na qual se pode perceber que os perfis das pessoas retratadas não são bem definidos, pois a sua ideia é mostrar que a realidade é algo dinâmico, movente e que se transforma. (PROENÇA, 2001).

Figura 2: Le Moulin de la Galette de Pierre August Renoir.



Fonte: Site Jigsawexplorer, 2012.

E através dessas mudanças, os impressionistas transformaram a história da arte, por meio de técnicas até então inovadoras para a composição de seus quadros, pois uma obra impressionista contém geralmente traços curtos e carregados de tinta, na intenção de capturar rapidamente a essência do tema. Portanto, o foco está mais na impressão perante os olhos ao invés dos detalhes. Já as cores são aplicadas com o mínimo possível de miscigenação, criando uma sensação vibrante aos olhos que observam. Gombrich (2006) aponta que tonalidades cinzas e escuras são produzidas pela mistura de cores complementares, portanto tons mais escuros; ao invés da tinta preta é a tinta aplicada fresca à tela, de maneira rápida, sem espera de secagem, pois pinturas ao final de tarde e início da noite eram corriqueiras para capturar as transições de luz. (GOMBRICH, 2006).

2.2 PÓS-IMPRESSIONISMO

As teorias sobre a perfeição da luz e da cor da época influenciaram decisivamente na seguinte geração de artistas: os pintores chamados a si mesmos de neo-impressionistas, cujo estilo é mais conhecido como divisionismo que parte do método já utilizado por Monet, de desfazer as formas sobre a tela, para que assim, o espectador pudesse as recompor em sua retina a certa distância do quadro. “O pós-impressionismo é uma fase mais tardia, se bem que muito importante do movimento que começava na década de 1870.” (JANSON, 2001, p. 909). Segundo Janson (2001), um dos adeptos desse movimento foi Paul Gauguin que utilizava em suas telas campos de cores bem definidas e limitadas por linhas de contornos bem visíveis, as formas dos objetos retratados eram planos e quase não havia sombra em suas pinturas. (JANSON, 2001).

Outro grande nome do neo-impressionismo foi Vincent van Gogh, artista que, apesar de ter percorrido uma trajetória difícil de sua vida, empenhou-se profundamente em recriar a beleza dos seres humanos e da natureza através da cor, que para ele era o elemento fundamental da pintura. Janson (2001) ressalta que para Van Gogh, o que determinava a composição de suas obras era a cor e não a forma. Portanto, o artista reconhecia que o seu desejo de observar o essencial e deixar o senso comum de lado fazia que suas obras parecessem arbitrárias, segundo os padrões impressionistas. O artista manteve-se fiel ao mundo visível.

Proença (2001) afirma que Paul Cézanne buscava a estrutura íntima da natureza e não se preocupava em registrar o aspecto passageiro de um momento. O artista tinha a tendência em converter os elementos da natureza em figuras geométricas, bem como os objetos e, suas figuras humanas, pode-se considerar percursos do famoso movimento artístico que ocorreu alguns anos mais tarde: o Cubismo. Entre outros impressionistas, eles procuravam de várias maneiras ampliar a linguagem visual da pintura para além do impressionismo. (PROENÇA, 2001).

A expressão Pós-Impressionismo foi usada para designar a pintura que se desenvolveu de 1886, a partir da última exposição impressionista, até o surgimento do Cubismo, com Pablo Picasso e Georges Braque, entre 1907 e 1908. Ela abrange pintores de tendências bem diversas, como Gauguin, Cézanne, Van Gogh e Seurat, que apenas no início de suas carreiras identificaram-se com o impressionismo. (PROENÇA, 2001 p. 145).

2.3 O PONTILHISMO DE SEURAT

Segundo Haitecouer (1973), no final do século XIX, Paris foi palco da 8ª Exposição Impressionista, esse era o fim de um período que marcou a história da arte. Nesse momento, o novo comportamento imposto por artistas como Renoir e Monet, havia adquirido um imenso respeito, pois tais artistas tinham a liberdade de expor seus trabalhos de forma independente, mas nenhum deles expôs suas obras na 8ª Exposição Impressionista. De tal forma, a exposição cedeu espaço ao jovem artista, Georges Seurat, que por sua vez, nessa época, o artista já havia concebido o seu método pontilhista, técnica da qual era ainda mais extrema em comparação a feita pelos impressionistas. (HAITECOUER, 1973).

Oposto a artistas como Renoir e Monet, Seurat possuía uma personalidade sistemática, visto que o artista se voltava para as ciências exatas, não expressando abstração ou sentimentos, em se tratando de suas pinturas; sendo assim, o artista se dedicou por inteiro em

seus estudos. “Seurat, de fato, trabalhava duro. Era um pintor que levava a si mesmo a vida e a arte muito a sério.” (GOMPERTZ, 2015 p. 90). No entanto, algumas das ideias impostas pela academia não lhe agravam, fazendo com que o próprio expressasse suas ideias de forma isolada. (GOMPERTZ, 2015).

O trabalho realizado por Jean-Auguste Ingres, com destaque nas linhas, era de forma fascinante aos olhos de Seurat, porém ainda muito jovem, o artista procurava encontrar suas próprias inspirações. Em seus estudos, ele reproduzia incontáveis obras de artistas expostos no Museu de Louvre, porém analisou com persistência a arte de povos antigos presentes no Egito e Assíria, mas seus estudos que se viam distantes das normas da Academia, causando certa má impressão em seus professores. No ano de 1879, o artista manteve-se distante de Paris e sua arte, para servir o exército francês, entretanto um ano após, Seurat retorna a Paris convicto de um grande futuro como artista. (HAUTECOUER, 1973).

Nas várias obras e artigos que foram escritos sobre Seurat, ele foi apresentado de diversas maneiras: como um clássico ou como um revolucionário, como continuador ou opositor dos impressionistas, como naturalista ou poeta, como observador das massas ou redutor da realidade à partículas, como artista puro ou sustentáculo das teorias científicas. (HAUTECOUER, 1973 p. 10).

Ainda que já pretendesse abordar a utilização de as cores em seus quadros, Seurat iniciou sua carreira com desenhos que trabalhasse apenas a preta e a branca. O artista “define a sua técnica: substitui o grafite [...], pelo lápis *Conté*, com o qual consegue um negro aveludado” (HAUTECOUER, 1973 p. 19). Desenhando em porções e não de forma linear, suas obras resultavam em massas de tinta preta, contrastando com espaços de iluminação, onde poderá desenvolver as formas, a partir dessa contraposição por meio de proporções claras e escuras, muitas vezes, uma sobreposta à outra ou contornada em certo grau, com isso, permeando o progresso de seus trabalhos futuros, pois seus desenhos converteram as estruturas básicas dos objetos desenhados em formas simplificadas, conforme pode-se notar na Figura 3. (HAUTECOUER, 1973).

Figura 3: Desenho com Lápis Conté de Georges Seurat.



Fonte: Site Yale university Art Gallery, 2016.

Hautecouer (1973) aponta em seu livro que os desenhos de Seurat lhe proporcionaram uma visão única em relação ao posicionamento dos objetos à área composta. O uso de seus materiais era intrigante, pois o artista utilizava uma área ríspida, muito parecida com o lado oposto de um carvão maciço. Pode-se observar que ele não executava traços, mas sim formas pontilhadas e fragmentadas. Seus desenhos utilizavam essa composição, visto que se tratavam de obras pontilhadas, pois procurava progredir nesse método de desenho e na abordagem de como se dava início aos objetos que seriam retratados em suas telas, conforme eram desenvolvidos, referia-se de um extenso desenvolvimento de composição.

Hautecouer (1973) afirma que Seurat se ausentou por um tempo para morar em uma periferia de Paris, onde pôde se afastar da burguesia que o cercava, ali conseguiu observar e aplicar, em seus desenhos, figuras desconhecidas ao cenário de uma vasta industrialização. Seurat era aficionado por ferrovias, trens e todo esse âmbito contemporâneo, porém apenas isso não o surpreendia mais. O artista estava em busca de uma arte moderna renovada, dessa maneira ele deixou de lado seus desenhos, voltando-se totalmente para a pintura a óleo através das cores. (HAUTECOUER, 1973).

Seurat seguiu caminhos opostos aos de Renoir e Monet, enquanto os artistas impressionistas buscavam a representação da realidade, utilizando de princípios românticos em suas pinturas, Seurat usufruía da ciência a seu favor, por esse motivo, suas pinturas eram, na maioria das vezes, realizadas em estúdio e o modo como pintava passou a ser ainda mais severo e preciso, desse modo, acabou formando um resultado surpreendente em suas pinturas. “Esperava ele, que isso levasse a mistura das cores no olho.” (GOMBRICH, 2006 p. 544). Sua real intenção era provar que a cor teria que se combinar na visão de quem a visse, portanto para produzir determinada cor, não se mesclava na palheta, como por exemplo, para

criar uma alaranjada, ao intercalar pontos vermelhos e amarelos, ao se misturarem nos olhos, formaria-se tal cor, como uma cor intensa, tornando-a significativa que trabalha entre a área observada e o espectador. (GOMBRICH, 2006).

Seurat começou a utilizar o método do pontilhismo em suas obras a partir de uma viagem que realizou para a Normandia, porém antes de partir, o artista já havia dado início a uma de suas maiores obras. Ao retornar de sua viagem, obteve inspiração suficiente para concluir seu trabalho, *Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte*, que por sua vez, pôde ser visto como um notável exemplo de obra pontilhista na Figura 4. (HAUTECOUER, 1973).

Figura 4: *Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte*, Georges Seurat.



Fonte: Paulino, R. 2016.

Nessa época, a ciência havia obtido avanços a partir do funcionamento ocular, da mesma forma em que Seurat focava o desempenho de suas obras, a partir do estudo das cores complementares.

Através de uma técnica denominada pontilhismo, também conhecida como divisionismo, concebeu suas obras como um cientista em sua bancada, realizando, dessa forma, algo que estava além dos limites conceituais da maioria de seus contemporâneos. (HAUTECOUER, 1973 p. 10).

Dessa forma, o artista aderiu esses estudos científicos para si, dando início ao seu método divisionista de trabalhar, mais conhecido como pontilhismo, no qual a cor é ordenada e cientificamente dividida em frações básicas, e ao passo que, é inserida na tela, a visão do espectador é instruída a fazer essa mistura. (PEREZ, 2009).

2.4 A TÉCNICA DO PONTILHISMO EM DESENHO

Para Edwards (2007), o que impede que avancemos em um processo criativo de um desenho é uso exagerado do hemisfério esquerdo do cérebro, o qual é o principal responsável

pelo diálogo, pela leitura, interpretação e análise. Em uma conversação entre dois amigos ou até mesmo em uma leitura, é permitido que o ser humano comande o lado esquerdo de seu cérebro por livre e espontânea vontade. Entretanto, de forma direta, o lado direito não é acessado tão facilmente, é necessário sintetizar e reunir elementos em um todo. O lado direito só começa a trabalhar a partir da ação e da intuição; e não só através do raciocínio lógico, que é usado através do lado esquerdo. Segundo a autora, o fato de não dar a devida atenção ao lado direito do cérebro, faz com que o ser humano perca o poder da intuição, seria como uma armadilha que ofusca uma visão não tanto racional, mas mais sensitiva perante um universo em que se está alocado.

O processo de desenhar é curioso. É tão interligado com o ato de ver, que mal pode dele se separar. A capacidade para o desenho depende da capacidade para ver da maneira que um artista vê, e esta forma de ver pode enriquecer sua vida de um modo maravilhoso. (EDWARDS, 2007 p.28)

Para Edwards (2007), os olhos reúnem referências visuais constantes por meio de uma varredura do ambiente, mas quando a informação é coletada de longe, uma parte do que está sendo visto é interpretado e modificado e, dependendo do indivíduo, do humor, da condição mental ou das experiências passadas, a informação pode ser concebida de diferentes formas.

O senso comum tende a prender a percepção de os indivíduos ao óbvio, pois é visto apenas o que se espera ver, isso ocorre, na maioria das vezes, de forma inconsciente, pois o cérebro promove essa ação e reação sem o real saber consciente, após isso, ele altera e organiza, ou ignora tais informações coletadas pelos olhos. (EDWARDS, 2007).

Edwards (2007) ressalta que a percepção e o aprendizado, através do desenho, vêm para remodelar o senso comum processado pelo cérebro, concedendo a liberdade de ver situações, formas e objetos de um modo diferente, ou seja, permitindo ter uma visão que antes estava ofuscada pelo próprio senso comum.

A sociedade costuma apontar como analfabeto os que não são dotados do conhecimento de ler e escrever, dessa forma, Edwards (2007) afirma que estamos vivendo em uma sociedade de analfabetos em arte e desenho. A autora crê que qualquer indivíduo pode desenvolver a arte e a técnica do desenho, a partir do momento em que esse indivíduo seja favorecido de coordenação motora e visão. Ela ainda afirma que os primeiros anos da adolescência aparentam indicar o fim súbito da evolução artística, quando se trata de desenho. Visto que, quando crianças, é comum estar diante de uma crise artística, diante de um embate entre as percepções do mundo que se tornam cada vez mais complexas e o seu grau de capacidade artística. (EDWARDS, 2007).

Uma imensidão de signos, presentes na infância, influenciam muito o ato de ver, porém a partir dessa faixa, a visão é desenvolvida por intermédio de palavras, assim se desenvolve na criança o ato de ler e escrever. (EDWARDS, 2007).

Os alunos adultos que começam a aprender desenho geralmente não vêem o que têm diante dos olhos (...). Anotam o que têm diante de si e rapidamente traduzem a percepção em palavras e símbolos, fundamentados no sistema de símbolos que desenvolveram na infância e no que sabem acerca do objeto percebido. (EDWARDS, 2007 p. 101).

Entretanto Edwards (2007) desenvolveu um método com técnicas didáticas, tornando o ato de ver e desenhar de fácil acesso a todos, o qual estimula, no indivíduo, o desenvolvimento de habilidades criativas, intuitivas e imaginárias. Método que pode ser encontrado no livro **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**.

Como citado anteriormente, Georges Seurat foi o pioneiro na arte do pontilhismo, utilizando métodos científicos que se baseavam na construção de seus quadros por meio de pontos de cor que, quando aplicados à tela, misturavam-se através dos olhos do expectador. Entretanto o processo de pontilhismo, a ser apresentado a partir deste tópico, tem como proposta apresentar essa técnica como princípio da composição da imagem através dos pontos. (NAKATA, 2011).

“Desenhar através de pontos é uma tarefa demorada e isso provoca um procedimento com maior atenção para observação ao representar os elementos que constituem uma figura.” (Nakata, 2011 p. 119). Apesar de ser um processo demorado, o desenho de pontilhismo é feito através do ato de análise, ou seja, através do olhar, a demora nesse procedimento pode vir a contribuir em uma decodificação precisa do desenho, sendo que em outras técnicas, não se exige tanta persistência na observação. (NAKATA, 2011).

Podemos ilustrar esta condição adotando como exemplo, o desenho de um retrato. Ao desenharmos um único fio dos cílios deste retrato, em qualquer outra técnica será possível executar através de um único gesto, como uma pincelada ou através de um traço à lápis. Com isso, se o resultado obtido for de acordo com o observado na referência, esta ação será concluída aqui. Caso contrário, fara-se os ajustes necessários. Esta experiência é diferente quando se trata da técnica de pontilhismo. (NAKATA, 2011).

Segundo Nakata (2011), a aplicação de mínimos detalhes por meio de pontos, acaba por se transformar em um processo de desconstrução da imagem, trabalhando separadamente cada parte fundamental do desenho e isolando cada componente de seu contexto. Por toda via, o ato de decodificar um desenho em diversas frações, possibilita uma leitura separada de todas

as singularidades, de cada detalhe, bem como sua textura causada pelos pontos. A observação desses minuciosos detalhes desintegrados de seu contexto força a capacidade de exercitar o lado direito do cérebro.

A estruturação de o desenho começa a se formar a partir da junção dessas diversas frações separadas realizada através dos pontos. Ao fim disso, pode-se constatar que será possível reproduzir a figura como um todo, a fim de que se possa ter uma real observação de cada elemento presente. (NAKATA, 2011).

Nakata (2011) afirma que, “a maior contribuição da técnica é aprender a reparar nos pequenos detalhes” pois no momento em que se está refinando o senso de percepção visual, esses detalhes provavelmente seriam desprezados em demais outras técnicas de desenho. “Fazer o desenho com a técnica de pontilhismo é compartilhar os mesmos princípios da construção de imagens através das retículas, as quais são utilizadas em vários processos de impressão.” (NAKATA, 2011).

2.5 O DOTWORK OU TATUAGENS DE PONTILHISMO

Segundo Rodriguez e Carreteiro (2014), as práticas de modificação corporal não são de tal forma contemporâneas, essas práticas foram manifestadas em diversas culturas, nas quais vários povoados empregaram as tatuagens e esscarinificações para o uso de rituais de passagem ou apenas para vaidade própria. Entretanto, o autor afirma que, por um longo período, a tatuagem esteve associada a grupos marginalizados, prostitutas e criminosos. “Essa associação criou condições sociais e culturais para o entendimento dessas marcas corporais como estigma, já que passou a se configurar como evidência ou característica corporal, cuja leitura induz a um efeito de descrédito sobre quem a porta.” (RODRIGUEZ e CARRETEIRO, 2014 p. 748). Ainda é capaz de encontrar esse vínculo, em uma menor escala, nos dias de hoje.

“Nas décadas de 50 e 60, século XX, além de ser utilizada por gangues, passou a ser vista também como emblema de movimentos contraculturais como roqueiros, motoqueiros, *hippies* e *punks*”(RODRIGUEZ e CARRETEIRO, 2014 p. 748). Desse modo, não se associava mais as tatuagens à marginalidade. Nesse período, a prática das tatuagens estava diretamente ligada a propostas políticas, éticas e estéticas contrárias ao padrão normativo social. Sua utilização estava empregada a uma forma de expressão que vem para romper as regras sociais, como um símbolo de rebeldia. (RODRIGUEZ e CARRETEIRO, 2014).

No entanto, a partir do século XXI, nasce uma cultura que passa a ser vista como forma de expressão, tendo assim, maior aceitação social e tratando essa cultura marginalizada como forma de expressão artística e corporal, sendo que muitos artistas reinventam a tatuagem, sobretudo com o pontilhismo aplicado na pele. “Constitui-se uma opção estética muito procurada pelas novas gerações. É compreendida, muitas vezes, como arte e forma de expressão da mesma. Em alguns casos, o corpo se torna uma obra ambulante.” (RODRIGUEZ e CARRETEIRO, 2014 p. 748).

Segundo Abreu (2013), em matéria publicada para a revista *Lifestyle Tattoo*, a revolução digital do século XXI vem para propiciar uma gradativa aproximação dos brasileiros referente às variadas técnicas e aos estilos presentes no universo das tatuagens. “Antes de as redes sociais se popularizarem como meio de divulgação, o conhecimento era mais restrito aos especialistas e aspirantes inseridos na própria comunidade da arte corporal.” (ABREU, nov. 2013 p. 14).

Contudo, entre tantos estilos e variadas técnicas, uma das que mais se destaca em meio às tendências é o pontilhismo, também conhecido como *dotwork*, técnica da qual se utiliza de vários pontos de tinta, em uma escala geométrica para a formação de tatuagens. Segundo Abreu (2013), não existem informações concretas de quando o pontilhismo foi adotado na cultura ocidental como tatuagem. Entretanto, existem relatos de que essa técnica foi muito utilizada no império *Khmer*, onde hoje está situado o Camboja, no continente asiático. Isso veio a ocorrer entre os séculos IX e XV, com tatuagens hoje conhecidas como *Yantra* ou *Sak Yant*, “eram executadas nos guerreiros do Império Khmer, que tinham o corpo completamente cobertos por tatuagens”(LIMA, 2016). Essas tatuagens possuíam sânscritos budistas, mandalas, templos e animais, pois acreditava-se que esses desenhos serviam como uma proteção física eterna, eram vistas como um manto sagrado, como se vê na Figura 5.

Figura 5: Tatuagem Sagrada Sak Yant



Fonte: Site Sete Antigos Heptá, 2013.

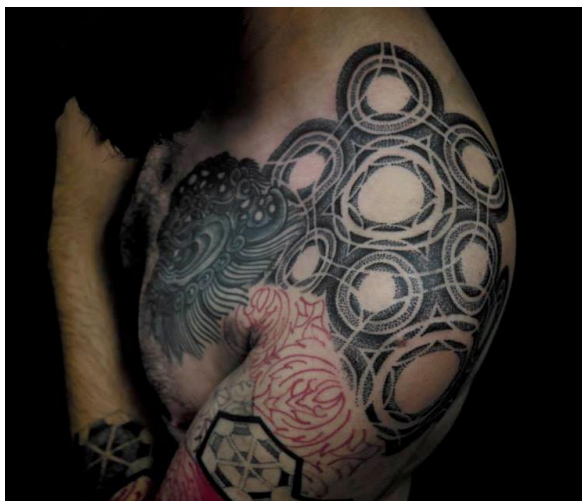
Porém, na atualidade do ocidente, pode-se mencionar a *hand-poked-tattoo*, técnica da qual dispensa o uso da máquina elétrica e as tatuagens são realizadas através de um processo manual, no qual se utiliza agulhas que, ao cutucarem a pele, formam os pontos e desenhos propostos. Essa técnica é utilizada por tatuadores mais tradicionais e é vista como “uma das primeiras formas de incorporar o pontilhismo aos trabalhos”, pois ao partir do princípio básico da tatuagem, a técnica consiste em realizar vários pontos com agulha até preencher por completo um determinado espaço. (ABREU, 2013).

Segundo a revista *Cherry Hot Tattoo* (2015), pode-se afirmar que, pelo desempenho da máquina, toda tatuagem é composta de pontos, porém a pulsação da agulha se dá de maneira tão rápida que acaba se tornando imperceptível para os olhos, e apenas se vê o efeito resultante.

Pode-se perceber que, na grande maioria das tatuagens *dotwork*, existe uma grande procura por desenhos orientais ou geométricos, pois quando se aplica pontos a esses determinados desenhos, o pontilhado se funde com muita facilidade as linhas, dando ao trabalho um efeito de iluminação suave, sem necessitar de o uso de mistura de cores. Desse modo, o *dotwork* passa a trabalhar lado a lado com o *blackwork*, técnica da qual se trabalha apenas com a cor preta, “a técnica do pontilhismo em tatuagens começou a ser usada para efeitos de sombra em desenhos realistas. Quanto maior a quantidade de pontos e mais juntos, maior seria o efeito de profundidade”. (*Cherry Hot Tattoo*, mai. 2015 p. 43). Dessa forma, a técnica possibilita que as intercalações de sombras se tornem atingidas com maior nitidez. (CHERRY HOT TATTOO, 2015).

Em entrevista para a Revista *Lifestyle Tattoo*, Gomes (2013 *apud* ABREU, 2013) comenta que em seu trabalho como tatuador, com ênfase na técnica do pontilhismo, pôde se ancorar a conceitos de diferentes formas de artes que pudessem lhe trazer uma imensa bagagem cultural e científica. O artista buscou referências em padrões geométricos, tibetanos, mandalas, entre outros, e buscava entender o real conceito diante disso, e assim aplicar em seu trabalho, como pode-se ver na Figura 6.

Figura 6: Tatuagem de Brian Gomes.



Fonte: Site Tattoaria, 2014.

Para ele, a tatuagem está muito além de uma troca estética, porém em relação ao pontilhismo, a forma com que esse estilo de tatuagem vem se popularizando o preocupa, “É legal as pessoas conhecerem, mas eu tenho receio de não conhecerem o real teor desse trabalho.” (GOMES, 2013 *apud* ABREU, 2013, p. 17). No entanto, o artista acredita que com essa propagação do pontilhismo em tatuagens, pode estar quebrando os paradigmas e resgatando um conceito de arte e técnica muito antigo. (ABREU, 2013).

Também em entrevista para Revista *Lifestyle Tattoo*, Souza (2013 *apud* ABREU, 2013) afirma que, dependendo da forma que se emprega em seu trabalho, o público corresponde bem a isso, e não está sendo diferente com o pontilhismo, pois de forma rápida, a procura pelo *dotwork* está aumentando e novos artistas estão surgindo, com propostas cada vez mais ousadas. Renato adquiriu afinidade pelo pontilhismo já em sua infância, buscando inspirações na matemática e geometria que serviu de base principal para o seu processo criativo atual (Figura 7). “O pontilhismo segue a linha da geometria sagrada. A ideia de que tudo se expande, contrai, de forma geométrica.” (SOUZA, 2013 *apud* ABREU, 2013, p. 19).

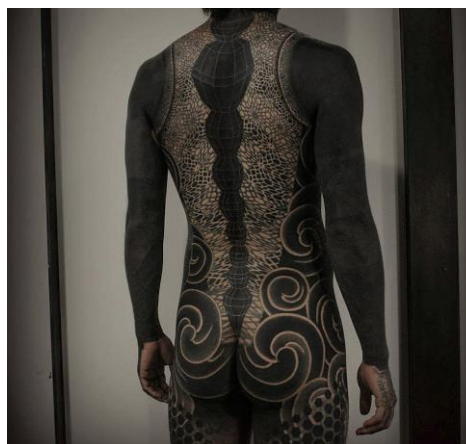
Figura 7: Tatuagem de Renato de Souza.



Fonte: Site Renato Leandro, 2013.

Com as mudanças e inovações no *dotwork*, pode-se encontrar essa técnica em variados estilos diferentes de tatuagem, em que se cria uma composição de luminosidade totalmente natural e diferenciada ao desenho (ABREU, 2013). Segundo Féres (2014), Kenji Alucky é um dos principais ícones que representam o *dotwork* no mundo, suas obras são baseadas em uma mistura de um estilo artístico que trabalha com a ilusão de ótica mais conhecido como *op-art*, mesclando com a geometria, uma vez que o artista cria total liberdade para aplicar o pontilhismo em figuras únicas e misturadas, formando uma arte totalmente complexa e simétrica, visto na Figura 8.

Figura 8: Tatuagens de Kenji Alucky.



Fonte: Féres, G. 2014

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por via de uma composição histórica, passando pelo século XIX, pode-se notar uma vasta mudança nos conceitos de pintura em Paris, na qual artistas como Claude Monet, Edgar Degas, Pierre-August Renoir, entre outros, revolucionaram a maneira de retratar o mundo em suas pinturas. A ideia de pintura dos impressionistas era fugir das regras impostas pela academia e desenvolver suas pinturas ao ar livre, através de pinceladas rápidas, trazendo uma nova ideia de realidade para seus trabalhos e pelas sensações do expectador.

Porém, com o fim do período impressionista, surgem novos artistas intitulados como pós-impressionistas, como Paul Gauguin, Vincent van Gogh e Paul Cézanne, todavia, um dos nomes que se destaca é do artista Georges Seurat, com o qual pode desenvolver suas pinturas como uma sequência matemática através do pontilhismo. Seurat foi o pioneiro nessa arte, utilizando métodos científicos que se baseavam na construção de seus quadros por meio pontos de cor que, quando aplicados à tela, misturavam-se aos olhos do expectador.

No decorrer deste artigo, pelas pesquisas realizadas, pode-se observar a real importância desse movimento pontilhista aplicado na atualidade e todo estudo que o acompanha, referente a sua composição como luz e sombras formadas a partir de pontos. É compreensível entender que, a partir de princípios tão básicos, pode-se chegar, por consequência, a resultados fascinantes, pois a partir de a junção de pontos, pode-se desenvolver uma certa percepção ao olhar, capaz de notar toda uma riqueza em detalhes.

Foram analisados movimentos e técnicas muito significativos para a história da arte, porém pouco reconhecidos na atualidade como o impressionismo e o pós-impressionismo. É dada ênfase ao divisionismo de Georges Seurat, movimento do qual deu vida ao pontilhismo, do qual, pode-se notar sua trajetória como artista e o seu processo criativo.

Podemos notar a relação entre a técnica aplicada por Seurat com base em seus estudos científicos da época e o método de ensino aplicado por Betty Edwards em seu livro **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**. Portanto, pode-se afirmar que o método de Edwards é capaz de trabalhar lado a lado com o pontilhismo a partir do momento em que o expectador desenvolva a capacidade de observar e formar as imagens desfragmentadas em pontos a partir de seus olhos, assim induzindo o hemisfério direito de seu cérebro a trabalhar conforme a percepção. Em análise, é apresentada a visão de Milton Nakata com base nos estudos de Edwards, em se tratando do pontilhismo, do qual, pode-se compreender a real

contribuição da técnica para o desenho e para o ato da observação, estimulando a análise e percepção dos indivíduos.

Todavia, é inegável reparar que esse processo é aplicado direta e indiretamente nas tatuagens de pontilhismo da atualidade, com as quais artistas desenvolvem seu trabalho a partir de pontos e em alguns casos, mesclado com outras técnicas. Em entrevista e matérias publicadas, alguns tatuadores expõem sua visão referente às tatuagens *dotwork*, apresentando seu modo artístico referente ao pontilhismo, seus métodos e sua forma de mesclagem da técnica com demais estilos de tatuagem. Todavia, esse processo de pontilhismo utilizado atualmente, em algumas ocasiões, não exclui o uso do traço e as cores são reduzidas a preta e branca, assim atingindo tonalidade de cinza e, em alguns casos, é possível notar uma terceira cor, complementando o desenho.

Dessa forma, as informações contidas neste artigo podem vir a servir como base para futuras pesquisas e para ilustradores, desenhistas, tatuadores, entre outros profissionais que iniciam sua carreira com foco no pontilhismo, uma vez que serão capazes de introduzir o assunto abordado.

REFERÊNCIAS

ABREU, N. **Ponto por Ponto**. Revista Lifestyle Tattoo. Ed. 3, Nov. 2013.

EDWARDS, B. **Desenhando com o Lado Direito do Cérebro**. Ed. 4, Rio de Janeiro: Ediouro. 2007.

FÉRES, Giuliano. **Tatuagens Incríveis por Kenji Alucky**. São Paulo, Out. 2014. Disponível em: <http://www.zupi.com.br/kenji-alucky-tattoo/> Acesso em: 06 out. 2017.

GOMPERTZ, W. **Isso é Arte?** Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GOMBRICH, E. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

HAUTECOUER, L. **Os Impressionistas**. Seurat. São Paulo: Três, 1973.

JANSON, H. W. **Historia Geral da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAUTRÉAMONT, A. **Impression, soleil levant: la toile de retour au Havre pour les 500 ans de la ville**. Exponaute. 13 jan. 2016. Disponível em: <http://www.exponaute.com/magazine/2016/01/13/impression-soleil-levant-la-toile-de-retour-au-havre-pour-les-500-ans-de-la-ville/> Acesso em: 17 out. 2017.

LIMA, Danielle. **Sak Yant - A Tatuagem Sagrada**. Rio de Janeiro, Abr. 2016. Disponível em: <http://indocileindizivel.blogspot.com.br/2013/08/sak-yant-tatuagem-sagrada.html> Acesso em: 03 out. 2017.

NAKATA, M. **Introdução ao Alfabetismo Visual**: Uma proposta de ensino de desenho para o curso de design através da técnica de pontilhismo. Universidade Estadual Paulista, 2011.

PAULINO, R. **Uma tarde de Domingo na Ilha da Grande Jatte. Georges Seurat**. Arte e Artistas. 20 set. 2016. Disponível em: <http://www.arteeartistas.com.br/uma-tarde-de-domingo-na-ilha-da-grande-jatte-georges-seurat/> Acesso em: 17 out. 2017.

PEREZ, V. **Revista Lume Arquitetura**. Ed. 40, Série Luz e Arte. São Paulo: De Maio, 2009.

PROENÇA, G. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2001.

PROENÇA, G. **Descobrindo a História da Arte**. São Paulo: Ática, 2008.

REVISTA CHERRY HOT TATTOO. **Dotwork Tattoos**. Ed. 16, 16 Mai. 2015.

RODRIGUEZ, L. S.; CARRETEIRO, T. C. O. C. **Olhares sobre o corpo na atualidade: Tatuagem, visibilidade e experiência tátil**. Psicologia Social. V. 26, n3, p. 746-755, 2014.

SITE JIGSAWEXPLORER. **Bal du Moulin de la Galette Jigsaw Puzzle**. 23 jun. 2012. Disponível em: <https://www.jigsawexplorer.com/puzzles/bal-du-moulin-de-la-galette-jigsaw-puzzle/> Acesso em: 17 out. 2017.

SITE YALE UNIVERSITY ART GALLERY. **Seated Boy with Straw Hat, study for Bathers at Asnières**. 2016. Disponível em: <https://artgallery.yale.edu/collections/objects/34001> Acesso em: 17 out. 2017.

SITE SETE ANTIGO HEPTÁ. **As Tatuagens Mágicas Sak Yant - Sobrenatural e Mistério da Tailândia**. 2016. Disponível em: <https://seteantigoshepta.blogspot.com.br/2013/06/as-tatuagens-magicas-sak-yant.html> Acesso em: 17 out. 2017.

SITE TATTOARIA. **Brian Gomes – Talento, arte e cultura**. 21 jul. 2014. Disponível em: <http://www.tattoaria.com.br/blog/made-brazil-brian-gomes/> Acesso em: 17 out. 2017.

SITE RENATO LEANDRO. **Galeria de Fotos**. 2013. Disponível em: <https://www.renatoleandro.com/tattoo-c1drj> Acesso em: 17 out. 2017.